

AÇÚCAR NO BRASIL - PERSONALIDADES

VI – ALBUQUERQUE MARANHÃO

Autoria: Gileno Dé Carli – in *História de uma Fotografia*, Recife, 1985.

Foi meu amigo, sempre, João Borba Maranhão, filho de Luiz de Andrade de Albuquerque Maranhão e Josefa Tereza de Jesus. Casado em primeiras núpcias com Júlia Gomes Morais e em segundas com Constantina Borba Maranhão. Foi proprietário de vários engenhos, sendo o mais destacado o engenho Boa Vista, em Nazaré. Foi Prefeito do Município de Aliança quando ocorre a emancipação .

Morreu aos 92 anos, deixando os seguintes filhos: Manoel Gomes Maranhão, ex-secretário de Agricultura do estado, no governo de Agamenon Magalhães. Depois presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, durante os períodos de janeiro de 1957 a fevereiro de 1961 e de 12 de setembro de 1962 a 28 de janeiro de 1964, condômino da Fundação dos Diários Associados, ainda em vida de Assis Chateaubriand, em cujos jornais – o Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e a revista O Cruzeiro – sempre colaborou. Por toda vida tem sido Gomes Maranhão um amigo perfeito. Luiz, agricultor, senhor-do-engenho Vicencinha, prefeito de Vicência; Ernesto, que chegou a usineiro em Alagoas, da Usina Santo Antônio; José, fornecedor de cana; Maria das Dores, casada com Luiz Mariz de Albuquerque, também fornecedor de cana; Cecília, casada com o professor Antônio Mariano de Aguiar; e Maria da penha, casada com Geraldo Magalhães, ex-prefeito da cidade do Recife, e sobrinho de Agamenon Magalhães e irmão de Roberto, governador de Pernambuco.

Descendente ainda da família Albuquerque Maranhão é Antonio Borba de Albuquerque Maranhão, proprietário do engenho Cumbe, por onde transitei nos idos de 1930, e que depois iria reencontrá-lo quando eu exercia altas funções no setor açucareiro nacional. (...) Integrou a Junta Governativa Municipal, com a revolução de 1930, ao lado de Flávio Pessoa Guerra, do engenho Iguape, de Benjamin Azevedo, da usina Barra. Era o domínio ainda dos homens do açúcar.

Quando andava no meu trabalho no serviço do Mosaico, um dia me deparei com o professor Methódio Maranhão e seu filho Gil, que havia sido meu contemporâneo no Colégio Nóbrega. (...)

De onde teria vindo aquele homem que chamava tanto a atenção dos recifenses, quando montado na sua bicicleta, saía de sua casa na rua da Concórdia, ou do escritório comercial da Usina Matari, à rua São Jorge, para a Praça Treze de Maio, onde se elevava o majestoso prédio que abrigava a Faculdade de Direito do Recife?



A Usina Matary foi instalada em 1913, no engenho do mesmo nome, no município de Nazaré da Mata, distrito de Vicência, depois transformado em município. Erta seu proprietário Serafim Velho pessoa de Albuquerque que com os filhos e genros reunidos se organizaram e de nague passa a Usina. Sofre muitas dificuldades iniciais por falta de conhecimentos técnicos e de pessoal habilitado. Devido ao funcionamento da fábrica, , com falta de especialistas para

operá-la, começaram os sócios desconfiados com o êxito do empreendimento, acaretando a dispersão de alguns deles que procuraram vender ou trocar sua participação na sociedade.

Assim, em 1917, faziam parte da Sociedade modificada: José Queiroz, que era genro de Serafim Velho, que foi o único a ficar na usina; José Maranhão e seu irmão Methodio. Os dois irmãos eram filhos de Luiz de Andrade Albuquerque Maranhão e Ana Joaquina Dornelas de Araújo, donos dos engenhos Gutubinha, Itapecerica e Mussumbu, em Nazaré da Mata e Goiana. José Romualdo Maranhão nasceu no engenho Mussumbu em 1877.

Para esse engenho seus pais haviam se transferido em 1876, construindo o bangüê, a casa-grande e a capela. Na partilha da herança, coube ao filho José o engenho Mussumbu, e a Methodio o Itapecerica, que trocou com Manoel Pessoa de Melo, a sua participação na Usina Matary, recém-criada. A filha de Manoel Pessoa e de Henriqueta Veloso de Melo, Maria Laurinda, se casara com José Maranhão, com um único descendente Luiz, hoje sócio majoritário da usina Matary. Contrasta uma tão escassa descendência com a de seus avós Luiz e Ana Joaquina que tiveram 18 filhos.

Luiz Maranhão casou com Maria Adelina de Azevedo Maranhão, com a seguinte descendência: Rosana Maria, casada com Antônio Salomão Lins Nader; Magnólia, casada com Gilson Machado Guimarães, presidente por dois períodos do Sindicato dos Produtores de Açúcar de Pernambuco; Suzana, casada com Fernando José Castro de Azevedo Melo; e José casado com Maria Bachanan Maranhão. O filho e os genros fazem parte da Diretoria da Usina Matary.

(..)

Em 1946, Methodio, já avançado em idade, resolveu se afastar da Sociedade, e então os sócios resolveram dividir o patrimônio, ficando José Queiroz com a Usina Bulhões, e os irmãos Maranhão com a Usina Matary. Desfez-se a sociedade, onde sempre existiu plena harmonia. As famílias, porém, se desdobraram em descendentes vários e numerosos.

Somente Methodio tinha os filhos Enoch, Gil, Diogo, Ina, Ruth, Ada, Ajax. Methodio tinha ainda um filho bastardo, João (Juca), boêmio, que deixou um filho (...), Péricles, artista que depois, na revista "O Cruzeiro" criaria o genial Amigo da Onça, caricatura de seu próprio pai, fabuloso contador de anedotas.